



## **Veredas atemática**

### **Volume 18 nº 2 – 2014**

---

#### **A gramaticalização do item “já”: um retrato das suas funções em cartas baianas**

Carolina Oliveira Azevedo (Faculdade Madre Taís)  
Gessilene Silveira Kanthack (UESC)

**RESUMO:** Investigações linguísticas realizadas acerca do item “já” têm revelado que, além da função prototípica de advérbio temporal (como preconizam, normalmente, as gramáticas normativas), ele também é usado com novas funções, como, por exemplo, a de operador argumentativo. No intuito de verificar esse comportamento, analisamos, a partir de cartas baianas dos períodos de 1902 a 1962 e de 1980 a 1993, se as funções do “já” se configuram como um fenômeno de gramaticalização. Os resultados da investigação revelam que o item “já” assume funções inovadoras, tanto no primeiro como no segundo período, indicando que a mudança envolvendo o “já” não é um fato recente na língua portuguesa.

Palavras-chave: advérbio já; usos; gramaticalização.

#### **Introdução**

Compreender a natureza e o funcionamento da linguagem humana não é uma tarefa simples, uma vez que a mesma se manifesta de diferentes formas, motivada por múltiplos fatores, envolvendo falantes que pensam e se expressam de maneiras variadas. Com a língua também não é diferente, uma vez que ela está inteiramente a serviço da dinâmica social da qual fazem parte os indivíduos. Por conta disso, naturalmente, o sistema linguístico se encontra em processo constante de renovação. Entender as renovações, as mudanças que se processam na língua, tem sido o desafio de pesquisas funcionalistas desenvolvidas no âmbito do português brasileiro.

Dentre essas pesquisas, destacam-se aquelas cuja temática envolve o comportamento multifuncional de advérbios, a exemplo de Martelotta (1994), que constatou funções variadas para alguns advérbios, entre eles, o “já”, descrito, normalmente, pelas gramáticas de orientação normativa, como advérbio temporal. Além dessa função, o autor observou que esse item desempenha funções discursivas, indicando que o mesmo passa por um processo de gramaticalização, um tipo de mudança em que itens ou construções lexicais, em determinados contextos, assumem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Com o objetivo de ampliar as descrições que contemplam particularmente o item “já”, investigamos o seu comportamento sintático e semântico a partir de um *corpus* constituído de sessenta cartas (disponíveis no banco de dados do projeto *Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do português brasileiro (PB)*, da Universidade Estadual de Feira de Santana), produzidas por falantes baianos nos períodos de 1902 a 1962 e de 1980 a 1993, esperando que, nesses períodos, os falantes façam usos diferenciados do item “já”. A motivação pela escolha de dados provenientes de língua escrita se deve ao fato de, majoritariamente, as pesquisas funcionalistas se ocuparem de dados de língua falada. Esperando que o item “já” também apresente um comportamento variável na escrita, fica a expectativa de que este trabalho possa contribuir com as descrições funcionalistas já feitas no âmbito do português brasileiro.

## 1. Advérbios: uma classe homogênea?

Nas gramáticas de orientação normativa, como, por exemplo, Cunha e Cintra (1985), Cegalla (2008), Almeida (2009), entre outros, os advérbios são tratados, basicamente, como elementos invariáveis, modificadores de verbo, de adjetivo e de advérbio, dando a ideia de que são itens com comportamento sintático bastante restrito. Quanto ao caráter semântico, os advérbios são classificados a partir das circunstâncias ou ideias acessórias que expressam: modo, intensidade, dúvida, afirmação, negação, lugar, tempo, ordem, inclusão etc.

No que se refere ao tratamento dado aos advérbios pelas gramáticas normativas, Ilari (2007) pontua que os critérios adotados por elas são claros e não contraditórios para apenas alguns casos, e acrescenta:

Na prática, o gramático defronta-se com inúmeros exemplos que eles levam a classificações conflitantes; e às dificuldades de aplicação dos próprios critérios a gramática tradicional tem acrescentado as de um tratamento até certo ponto inconseqüente, pelo hábito de enquadrar entre os advérbios uma quantidade enorme de *palavras* que apenas em algumas ocorrências particulares e em alguns ambientes sintáticos atendem àqueles critérios. Tratar do ‘advérbio’ é, antes de mais nada, tomar consciência desses equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões. (ILARI, 2007, p. 152)

Pelas palavras desse autor, um dos equívocos da abordagem tradicional é tratar o advérbio como um elemento de comportamento homogêneo, com funções específicas e muito restritas. Na verdade, advérbios podem desempenhar funções bastante diferenciadas, “o que tende a ser escamoteado quando se reconhece uma única função extremamente genérica de ‘modificação’” (ILARI, 2007, p. 154). Nesse sentido, entender o advérbio como modificador apenas de verbo, adjetivo e advérbio restringe o seu potencial funcional.

Embora algumas gramáticas normativas reconheçam esse tipo de problema, o tratamento dado à classe dos advérbios ainda é muito limitado. Por exemplo, em Cunha e Cintra (1985), o advérbio é descrito como um elemento que também pode modificar uma oração inteira, podendo vir a ocorrer no início ou final da sentença. Ainda de acordo com esses gramáticos, sob a denominação de advérbio, agrupam-se palavras de natureza nominal e pronominal, que desempenham funções diversas. Estas, por sua vez, motivam muitos linguistas ao reexame do conceito da classe em questão, “limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 530).

De fato, vários trabalhos de orientação linguística já têm destacado o caráter multifuncional dos advérbios. Um dos primeiros foi o de Neves (1993), em que a autora reconhece a complexidade e a heterogeneidade dessa classe. Particularmente, no que se refere ao advérbio temporal, classe em que se encontra o “já”, a autora afirma que, embora esse tipo de advérbio indique circunstância, está vinculado ao domínio dos participantes, uma vez que se “ancora no circuito de comunicação” (NEVES, 1993, p. 266). Além disso, agrega-se à categoria *tempo* o fator aspecto, apesar de existirem diferenças entre eles, já que o primeiro apresenta uma natureza dêitica, relacionando, temporalmente, o evento e a enunciação, e, o segundo, uma natureza não dêitica, pois se refere “à constituição interna do desenvolvimento temporal do processo” (NEVES, 1993, p. 277). Da análise feita pela autora, compreende-se que, “de fato, se o advérbio se define como ‘modificador’ do verbo (ou, ainda, do adjetivo e do advérbio) (...), os circunstanciais não pertencem à classe, já que nenhum advérbio de tempo ou de lugar realmente ‘modifica’ o expresso no verbo” (NEVES, 1993, p. 263).

Seguindo essa mesma linha, ao pesquisar o comportamento do “já”, Martelotta (1994) constatou que, além de exercer sua função prototípica de advérbio de tempo, ele também assume novas funções, como, por exemplo, a de operador argumentativo, um elemento que se caracteriza não só por ligar partes do texto, mas também como um item orientador da interpretação do ouvinte. Na função de operador argumentativo, o “já” pode apresentar novos valores, como, por exemplo, o de marcador de contraexpectativa. Apesar de conservar o valor temporal do qual é oriundo, nessa nova função, o “já” é usado para “marcar sentenças cujo conteúdo contrasta com as expectativas envolvidas, nos diálogos, entre falante e ouvinte” (MARTELOTTA, 1994, p. 161). Segundo esse autor, esse novo uso do item se diferencia em alguns aspectos. Pode ser:

Quanto à expectativa do falante:

102 – I: ... Aí era uma dona. Ela foi miss em São Paulo. D. Maria, num seu que lá, nome original dela, mas como miss não, como miss, ela tinha outro nome. mas ele já tava velha, só sei que ela foi miss. Ela tem... as faixa, retrato, só tu veno. No tempo dela é... ela já tinha naquela época, já tava com quê? Podia tá com seus trintão, mas qu’ela já tava bem enferrujada...

Nesse exemplo, notamos que o próprio falante constrói a sua expectativa a respeito do que está dizendo. Assim, a sentença em que o “já” ocorre indica uma ideia contrastiva em relação ao que foi dito pelo falante anteriormente.

Quanto à expectativa do ouvinte:

101- E: E, vem cá, com quem que você se dá melhor lá?

I: Com a Patrícia.  
E: Patrícia? Aquela lourinha, não é?  
I: É. Mas eu acho... ela não... está faltando uma porção de dia. Eu acho que ela **já** saiu de escola.  
E: É? Ela ia sair da escola?  
I: Hum-hum.

O item "já", nesse contexto, é usado para quebrar a expectativa do ouvinte, que aparentava ter desconhecimento da saída de Patrícia da escola, uma informação evidenciada pela pergunta seguinte: "É? Ela ia sair da escola?"

Quanto à expectativa do contexto sociocultural:

99-E: E os netos?

I: Não, os netinhos a gente vai pegar ele no colo e balançar, não é?

E: Ela vai querer ter muito neto?

I: Se vier aí um cacho já está bom. Uma penca de doze está bom.

E: Um cacho? Sua filha **já** sabe?

I: Minha filha já sabe, mas eu tenho três filho, certo? Cada um me arranja quatro...

Aqui, o item "já", que ocorre na pergunta do entrevistador, indica um contraste entre a informação apresentada pela sentença e o padrão sociocultural compartilhado: o de que as mulheres não querem ter muitos filhos. "E a resposta do informante, aliviando a responsabilidade da filha ao dizer que tem outros dois filhos, que também podem contribuir com netos, evidencia que ele percebeu a intenção deste uso do já pelo entrevistador, e que compartilha desta expectativa sociocultural" (MARTELOTTA, 1994, p. 162).

Constatações como essas confirmam a importância de se estudar o "já" a partir de um ponto de vista que leve em consideração os usos que o falante faz da língua, especificamente a relação falante/escritor e ouvinte/leitor, suas expectativas, anseios e intenções. Temos, assim, usos de falantes reais em contextos reais, pondo em evidência a dinamicidade da gramática da língua portuguesa. No caso do item "já", os usos indicam que, além de carregar o traço de temporalidade, ele pode ser usado com diferentes funções discursivas. E é isso que também comprovamos em nossa pesquisa, como veremos na seção a seguir.

## 2. O "já" em cartas baianas: descrição e análise

Assim como Martelotta (1994), verificamos que o item "já", apesar de manter o valor temporal do uso do qual se origina, é usado com função argumentativa, instaurando expectativas entre autor e leitor da carta. Dado esse comportamento, classificamos todas as ocorrências do "já" como operador argumentativo<sup>1</sup>. Porém, como Martelotta (1994), também

---

<sup>1</sup> A propósito dessa função discursiva, vale ressaltar que diferentes nomes são atribuídos para os elementos que a desempenha: marcadores discursivos, marcadores do discurso, operadores argumentativos, operadores discursivos, conectores discursivos, conectores pragmáticos etc, todos "referindo-se, muitas vezes, aos mesmos elementos estudados e, além disso, os conceitos atribuídos a esses termos ora se identificam, ora se complementam" (ALMEIDA; MARINHO, 2012, 170-171). Segundo esses autores, essa diversidade de termos é

identificamos funções semântico-pragmáticas diferenciadas para as expectativas empreendidas pelo “já”. Elas podem envolver o falante (o autor da carta – nesse caso, o “já” foi codificado como OPERADOR DE EXPECTATIVA) ou o ouvinte (o leitor da carta – e o “já” codificado como OPERADOR DE CONTRAEXPECTATIVA).

Na primeira função, como OPERADOR DE EXPECTATIVA, o “já” indica a expectativa do autor da carta, e não do ouvinte. Essa expectativa do escrevente é gerada pelo uso do “já” em sentenças do tipo interrogativa. Ao construir o enunciado em forma de pergunta, o autor busca se certificar da realização ou não de determinado evento, como se pode notar nos dados (1) e (2):

- (1) Peço lhe que dê 20\$ das Missas de Janeiro e Fevereiro; Lúlú dará os 10\$ das minhas para Elisa levar ao Padre Cunha. **Já** recebeu suas encomendas?(10-ATW-18-02-1923).

*Expectativa do autor:* saber se o leitor da carta recebeu as encomendas.

- (2) Minhas aulas terão início no dia 3 de março E as suas quando serão? (...) **Já** sabe quando você virá a Salvador? (15-APACA-25-02-1980).

*Expectativa do autor:* saber quando o leitor pretende ir a Salvador.

Na segunda função, como OPERADOR DE CONTRAEXPECTATIVA, o uso do “já” reflete um posicionamento do autor em relação às presumíveis expectativas do leitor. Ou seja, o autor presume o que o leitor esperaria da sua afirmação, e, para “quebrar” essa expectativa, o faz recorrendo ao “já”. Nesses casos, o elemento analisado pode ser substituído pelo item “inclusive”. Os dados em (3) e (4) ilustram essa função:

- (3) Cardoso não pode lhe dar boa votação, porque **já recebeu** muito dinheiro deles para dar votos para o Deputado Federal e Estadual. (108-HO-19-09-1954)

*Presumível expectativa do leitor:* de que o autor da carta pudesse lhe dar boa votação, porque não havia recebido muito dinheiro deles para dar votos ao deputado federal e estadual.

*Expectativa “quebrada”:* Cardoso não pode lhe dar boa votação, pois já recebeu muito dinheiro.

- (4) Acerca da precatória penso ser mais conveniente para nós aguardar que o José Liberato, com quem **já conversei**, reassuma, o que se dará no dia 20, ou 22 do corrente. (117-JCPDJ-31-12-1937)

*Presumível expectativa do leitor:* de que o autor da carta não tivesse conversado com José Liberato.

---

decorrente das diferentes propostas metodológicas adotadas para o tratamento de elementos que atuam no nível do texto/discurso.

*Expectativa “quebrada”*: o autor da carta já conversou com José Liberato.

Nessas duas funções analisadas, percebemos que a expectativa é instituída pelos participantes da situação comunicativa, autor e leitor da carta. Diferentemente dos casos de EXPECTATIVA, em que não há “quebra de expectativa”, na CONTRAEXPECTATIVA a quebra acontece em razão de o escritor presumir a expectativa do leitor e, no intuito de promover o rompimento da mesma, prevenindo-se daquilo que o leitor possa vir a pensar a respeito de determinado assunto, faz uso do “já”.

Embora o traço de temporalidade permaneça nessas duas funções, podemos dizer que, ao assumir novos valores, o item “já” deixa de atuar somente no domínio conceitual “tempo”, considerado mais concreto, para agir no domínio “qualidade”, assumindo, assim, traços mais abstratos, já que as novas funções estão voltadas para a organização do texto e da interação verbal. O resultado dessa abstratização evidenciada pelo “já” confirma a atuação do *princípio de exploração de velhas formas para novas funções*, que diz respeito à ação cognitiva do falante de buscar, em seu repertório linguístico, elementos já conhecidos para expressar novos valores, novos sentidos.

A esse processo de mudança, vincula-se, por exemplo, a chamada *descategorização*, um dos parâmetros propostos por Hopper e Traugott (2003). O “já, ao assumir a função de marcador de contraexpectativa, perde algumas propriedades sintáticas, como, por exemplo, a liberdade de movimentação dentro da sentença em que ocorre (deixa de ser um item autônomo), passando a assumir um posicionamento mais fixo, típico das formas gramaticais. Para ilustrar tal situação, vejamos os contrastes a seguir<sup>2</sup>:

- (5) a. Recebemos carta de Stellea, só saem do Rio depois do dia 12. Celina está melhor, **já** está tomando sopa, pois só tomava leite mas ainda não sabe quando virá até aqui. (11-ATW-06-01-1928)

a' \*... está **já** tomando sopa.

a''\*... está tomando **já** sopa.

- (6) a. Ela teve muita febre e eu tinha que ficar controlando com Anador e banho frio quando chegava a 40° c, pois os médicos todos em greve. Agora graças a Deus ela **já** está boa. (09-APACA-11-04-1990)

a'\* Agora graças a Deus ela está **já** boa.

a''\* Agora graças a Deus **já** ela está boa.

Como se pode observar, o item “já”, ao mudar de posição, torna a sentença agramatical, evidenciando, portanto, a sua natureza fixa assumida dentro da estrutura, uma característica típica das formas gramaticais.

Identificadas as duas funções assumidas pelo “já”, passamos a analisar apenas os casos de contraexpectativa, já que foi essa a função mais frequente: 76 de um total de 104 ocorrências. Nesse processo de análise, uma particularidade que nos chamou a atenção diz

<sup>2</sup> O asterisco serve para indicar que as sentenças são agramaticais no português brasileiro.

respeito ao tipo de relação sintática que o “já” mantém na estrutura em que ocorre: ora aparece em orações que introduzem informação nova - e, nesse caso, o item não assume uma função de relacionar sentenças (INTRODUTOR) -, ora em orações em que ele funciona como elemento conectivo (ARTICULADOR). A seguir, ilustramos cada um desses casos:

● **INTRODUTOR**

- (7) De Santo Amaro e de Maria foi que nada veio. Pode ficar certa de que sabemos que Você tem todo cuidado em mandar a correspondência, mas ninguém pode confiar no correio. Hoje **já** estou muito melhor da erupção, está quase toda seca e a comichão diminuiu muito, mas a erupção foi enorme, até nos lábios e nas pálpebras tive. (09-ATW-04-02-12-1923)
- (8) Da festa de Santo Amaro só soubemos por uma carta de Tété a Jovina que o sermão do dia 2 não agradou, e por um telefonema de José que não havia animação. Você **já** soube que morreu o Aquiles Cardoso? (21-ATW-06-02-1939)

Nos dois casos apresentados, temos o uso do “já” em oração que introduz informação nova, e, portanto, nessa situação, não estabelece relação sintática com o enunciado anterior. Em (7), a informação introduzida é a de que o autor da carta está muito melhor da erupção e, em (8), o autor da carta pergunta ao leitor se ele já soube da morte de Aquiles Cardoso.

● **ARTICULADOR**

- (9) Felizmente passamos bem, **já** tendo eu feito alguns passeios á cavalo. (01-ATW-03-02-1917)
- (10) Os umbús estão inchados, **já** tendo tomado umbúzada. (08-ATW-26-12-1922)

Em (9), o “já”, juntamente com a estrutura “tendo feito”, estabelece vínculo sintático entre a sentença marcada por ele “tendo eu feito alguns passeios à cavalo” e a oração anterior “Felizmente passamos bem”. Na situação exemplificada em (10), o mesmo acontece: o “já” e a estrutura “tendo tomado” relacionam a sentença em que eles se inserem, “tendo tomado umbuzada”, com a anterior “os umbus estão inchados”.

A seguir, apresentamos os resultados referentes a esses dois tipos de relações sintáticas:

1902 a 1962				1980 a 1993			
Introdutor		Articulador		Introdutor		Articulador	
Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%
14	29,2	34	70,8	4	14,3	24	85,7

Tabela 1: O “já” operador de contraexpectativa e suas funções de “introdutor” e “articulador”.

Verificamos que, tanto no período de 1902 a 1962 como no período de 1980 a 1993, os casos de ARTICULADOR são mais frequentes, com percentuais de 70,8% e 85,7%, respectivamente. Esse resultado indica que, nessa função, o operador estabelece, na maioria das vezes, relação sintática com a sentença anterior, cujo grau de coesão passa a ser maior do que quando ele atua como introdutor.

Depois dessa análise, passamos a verificar a possibilidade de fatores como *tempo verbal* (passado (pas) e presente (pres)) e *pessoa do sujeito* (1ª e 3ª) influenciarem os casos de “já” operador de contraexpectativa em suas funções de INTRODUTOR e ARTICULADOR<sup>3</sup>. Consideramos esses dois fatores porque o verbo e o sujeito mantêm relações sintáticas estreitas com o “já” e, por isso, acreditamos que eles possam influenciar diretamente a função mais recorrente, no caso específico, a de ARTICULADOR. Começamos pelo fator tempo verbal, conforme ilustrado nos exemplos a seguir:

● **INTRODUTOR e tempo verbal passado**

- (11) Tia Antonia  
**Já mandei** pesames ao pessoal Cerqueira Lima, menos Alfredo, cujo endereço ignoro. Imagino os espalhafato de Zeze. (05-ATW-30-08-1922)
- (12) **Já recebi** os primeiros teste que ela fez tão lindo. No dia do Índio ela estava linda vestida de índio eu tirei a foto dela, deve ficar pronta amanhã se ficou boa eu mando uma para você ver. (10-APACA-09-05-1990)

● **INTRODUTOR e tempo verbal presente**

- (13) Carlota não teve incômodo algum, nem febre de leite, que teve em abundância, pensei que ele sentisse mais perder o filhinho, porém o marido foi quem mais sentiu. **Já ha** fartura de leite de cabra, mas, por enquanto de mais nada. (08-ATW-26-12-1922)
- (14) De Santo Amaro e de Maria foi que nada veio. Pode ficar certa de que sabemos que você tem todo cuidado em mandar a correspondência, mas ninguém pode confiar no correio. Hoje **já estou** muito melhor da erupção, está quase toda seca e a comichão diminuiu muito... (09-ATW-04-02-1923)

● **ARTICULADOR e tempo verbal passado**

- (15) Se tiver ainda portador para aí, enviarei 70\$000, para você pagar o mês de março dos dois títulos do Sul América, estando, do título internacional, **já pago** março. (10-ALCF-16-03-1935)
- (16) O problema desta vez foi com minha saúde, ontem passei o dia na cama, dor de cabeça, febre e enjôo, não ficava nada no estômago. Hoje **já melhorei** muito. (21-APACA-30-07-1980)

---

<sup>3</sup> O tempo futuro e a segunda pessoa foram descartados da análise em função de temos registrado pouquíssimas ocorrências dos mesmos.

• **ARTICULADOR e tempo verbal presente**

- (17) Chegaram com chuva torrencial, de modo que João Maurício se resfriou e ficou um pouco abatido, mas **já está** bom. (19-ATW-02-05-1938)
- (18) Passei 2 meses em Salvador não fiquei na Mesbla porque Eliana chorava todo dia para vim embora querendo ver os meninos. **Já sei** que quando tiver de sair daqui ela não vai querer ir comigo. (09-APACA-11-04-1990).

Abaixo, nas tabelas 2 e 3, apresentamos os resultados referentes a esse fator:

Introdutor				Articulador			
Pas		Pres		Pas		Pres	
Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%
11	78,6	3	21,4	20	58,8	14	41,2

Tabela 2: O “já” operador de contraexpectativa em suas funções de “introdutor” e “articulador”, relacionadas com o fator *tempo verbal*, no período de 1902 a 1962.

Introdutor				Articulador			
Pas		Pres		Pas		Pres	
Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%
3	75	1	25	11	45,8	13	54,2

Tabela 3: O “já” operador de contraexpectativa em suas funções de “introdutor” e “articulador”, relacionadas com o fator *tempo verbal*, no período de 1980 a 1993.

Verificamos que, no período que vai de 1902 a 1962, tanto o introdutor como o articulador foram mais recorrentes com verbos no tempo passado, com um percentual de 78,6% e 58,8%, respectivamente. No período de 1980 a 1993, o introdutor manteve o padrão do momento anterior, ou seja, foi mais frequente com verbos no tempo passado, com uma porcentagem de 75%. Já o comportamento do articulador foi alterado, porque seu uso foi mais recorrente com verbos no tempo presente (54,2%), indiciando que há uma mudança em relação à influência desse tempo no uso da função de articulador.

Outro fator analisado foi a *pessoa do sujeito* (1ª e 3ª), uma vez que o sujeito sintático, além de apresentar vínculo direto com o “já”, pode também influenciar as novas funções do item. Assim, procuramos verificar se a primeira e terceira pessoas, em suas formas expressas e apagadas, influenciam ou não os usos do “já” introdutor e articulador. Vejamos os exemplos:

• **INTRODUTOR e sujeito de 1ª pessoa**

- (19) Pode ficar certa de que sabemos que Você tem todo cuidado em mandar a correspondência, mas ninguém pode confiar no correio. Hoje **já estou** muito melhor da erupção, está quase toda seca e a comichão diminuiu muito, mas a erupção foi enorme, até nos lábios e nas pálpebras tive. (09-ATW-04-02-1923).

- (20) **Já** recebi os primeiros teste que ela fez tão lindo. No dia do Índio ela estava linda vestida de índio eu tirei a foto dela, deve ficar pronta amanhã se ficou boa eu mando uma para você ver. (10-APACA-09-05-1990).

• **INTRODUTOR e sujeito de 3ª pessoa**

- (21) **A tarde** **já** anunciou pagamento de apólices, e mandei pedir a Malú que indagasse e me informasse quando pensam pagar a letra M. (11-ATW-06-01-1928)
- (22) Venho responder e agradecer a sua carta. Vamos passando bem, mas muito saudosos e sós, ainda mais sensível é o isolamento porque o tempo não tem deixado Felipe passeiar. **Etelvina** **já** me entregou o embrulhinho da renda, irá com outras cousas, saber se Você tiver pressa. (07-ATW-06-12-1922)

• **ARTICULADOR e sujeito de 1ª pessoa**

- (23) Esta tem a finalidade de comunicar que **já** sou reservista. (109-JMD-04-01-1949)
- (24) Amigo como você a gente **já** não encontra em qualquer lugar, nem toda hora. (31-APACA-20-10-1980)

• **ARTICULADOR e sujeito de 3ª pessoa**

- (25) Teria Mamãezinha ido á missa, e como suportava tão grande abalo? De Felipe sabe por minhas cartas; felizmente estes dias **já** está se alimentando bem. (04-ATW-14-08-1922)
- (26) Ela teve muita febre e eu tinha que ficar controlando com Anador e banho frio quando chegava a 40 °c, pois os médicos todos em greve. Agora graças a Deus ela **já** está boa. (09-APACA-11-04-1990)

Passemos, agora, aos resultados nas tabelas 4 e 5, a seguir:

Introdutor				Articulador			
1ª		3ª		1ª		3ª	
Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%
8	57,1	6	42,9	10	29,4	24	70,6

Tabela 4. O “já” operador de contraexpectativa em suas funções de “introdutor” e “articulador”, relacionadas com o fator *pessoa do sujeito*, no período de 1902 a 1962.

Introdutor				Articulador			
1 <sup>a</sup>		3 <sup>a</sup>		1 <sup>a</sup>		3 <sup>a</sup>	
Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%
3	75	1	25	15	62,5	9	37,5

Tabela 5. O “já” operador de contraexpectativa em suas funções de “introdutor” e “articulador”, relacionadas com o fator *peessoa do sujeito*, no período de 1980 a 1993.

Como podemos ver, no período de 1902 a 1962, o “já” introdutor é mais frequente com o sujeito de primeira pessoa (57,1%), ao contrário do articulador, cujo percentual é mais alto com o de terceira (70,6%). No que diz respeito ao período que vai de 1980 a 1993, o “já” introdutor manteve o padrão do momento anterior, uma vez que foi mais recorrente com o sujeito de primeira pessoa (75%), ao contrário do “já” articulador, que não manteve o padrão do primeiro período, pois foi mais frequente com o sujeito de primeira pessoa (62,5%). Temos, portanto, um indicativo de mudança envolvendo o articulador e o tipo de sujeito: primeiro, foi influenciado pelo sujeito de terceira pessoa; depois, pelo de primeira. Assim como ocorreu com o tempo verbal, acreditamos que essa mudança seja decorrente, também, do processo de gramaticalização do “já”. Ao se tornar mais gramatical, os elementos que estão diretamente relacionados a ele, no caso, o verbo e o sujeito, passam a exercer influências também diferenciadas.

Relacionando os nossos resultados aos de Martelotta (1994), confirmamos ser o marcador de contraexpectativa a função mais recorrente para o item “já”, uma função que, segundo aquele autor, aponta para um caso de mudança por gramaticalização, mesmo o item mantendo o traço de temporalidade da sua função prototípica.

Da análise empreendida, concluímos: o “já” já não pode mais ser descrito e apresentado apenas como advérbio temporal, pois, como vimos, ele passa por um processo de *abstratização* do sentido, deixando de se referir a dados da realidade, como ocorre com o circunstanciador temporal, para marcar situações interativas, em que falante e ouvinte negociam sentidos com o objetivo de orientar uma interpretação ou trabalhar com as expectativas do outro, como é o caso do operador de contraexpectativa, a função mais recorrente. Trata-se de um resultado que sinaliza uma mudança a caminho: o item “já”, se continuar sendo usado com valores mais abstratos, poderá se tornar um elemento gramaticalizado.

### Considerações finais

Diante do que foi pesquisado, confirmamos o caráter variável do item “já” na língua portuguesa. Essa confirmação põe em evidência uma concepção de gramática diferente daquela que conhecemos como gramática normativa, que determina as regras que devem ser usadas. Numa análise funcional, como a que empreendemos, a gramática deve ser concebida como uma atividade resultante da relação entre falantes/ouvintes e situações comunicativas. É dessa interação que surgem, portanto, as adaptações linguísticas, como a que está ocorrendo com o “já”: o item passa por um tipo específico de mudança, ao assumir uma nova função, considerada mais gramatical.

No quadro teórico que adotamos, tal mudança é denominada de gramaticalização, compreendida como um processo através do qual itens ou construções lexicais, em

determinados contextos, assumem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). No caso de nosso objeto de estudo, afirmamos que ele está assumindo, desde o primeiro período analisado, funções mais gramaticais, influenciando diretamente o seu comportamento dentro das sentenças em que ocorre: passa a ter um posicionamento mais fixo, com restrições de uso, e apresenta um valor abstrato, confirmado pela frequência do “já” operador de contraexpectativa, especificamente em sua função de articulador, a mais recorrente no *corpus*.

Essa mudança de valores indica a aplicação do mecanismo de *abstratização* proposto por Heine et al. (1991a apud GONÇALVES et al., 2007): que as mudanças são operadas da esquerda para a direita, no caso específico, de categorias cognitivas mais próximas do sujeito, ou seja, mais concretas, para categorias mais distantes do indivíduo, portanto mais abstratas. Esse deslocamento realizado pelos itens linguísticos é regido pelo *princípio de exploração de velhas formas para novas funções*, um pressuposto que se aplica perfeitamente ao item “já”: ele assume não só a função de advérbio temporal (mais concreta) mas também a de operador argumentativo (mais abstrata), configurando, assim, a trajetória advérbio de tempo > operador argumentativo, e apontando para uma mudança por gramaticalização.

Vimos que, ao exercer a função de operador, o “já” denota dois tipos de expectativa: uma envolvendo o falante e a outra, o ouvinte. Diferentemente da primeira, que denominamos de operador de EXPECTATIVA, em que não há “quebra de expectativa”, na segunda, denominada de operador de CONTRAEXPECTATIVA, a quebra acontece em virtude de o escritor presumir a expectativa do leitor e, a fim de romper tal expectativa, prevenindo-se daquilo que o leitor possa vir a pensar, recorre ao “já” para deixar explícito seu posicionamento. Foi essa a função mais recorrente no *corpus*, inclusive sendo influenciada por fatores linguísticos como *tempo verbal* e *pessoa do sujeito*.

Por fim, considerando os nossos resultados bem como aqueles alcançados por Martelotta (1994), destacamos a necessidade de novas reflexões sobre a categoria dos advérbios, em especial o “já”, descrito, normalmente, pelas gramáticas de orientação normativa apenas como advérbio temporal. Da análise empreendida, perguntamos: até quando devemos tratar esse item só como advérbio? Já não seria o momento de tratá-lo, também, como operador? Afinal, as pesquisas estão confirmando essa nova função!

### **The grammaticalization of the item “já”: a portrayal of its functions in letters written in Bahia**

ABSTRACT: Linguistics investigations about the item “já” in Brazilian Portuguese have revealed that besides the prototypical function of temporal adverb (as usually suggested by normative grammars), it is also used in new functions, for example, as an argumentative operator. Based on letters from Bahia between 1902 to 1962, and 1980 to 1993, we analyzed whether the functions of “já” are configured as a phenomenon of grammaticalization or not. This can be understood as a special type of change and is defined as a process by which lexical items or constructions, in certain contexts, assume grammatical functions and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions (HOPPER and TRAUGOTT, 2003). In fact, research results reveal that the item “já” takes innovative functions, even in the first period and in the second one, and it indicates that the change involving the “já” is not a recent phenomenon in Brazilian Portuguese.

Keywords: adverb “já”; uses; grammaticalization.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mende de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de; MARINHO, Janice Helena Chaves. Dos Marcadores Discursivos e Conectores: conceituações e teorias subjacentes. **Gláuks**, Viçosa, v. 12, n.1, p. 169-203, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GONÇALVES, S. C. L. et al. (Org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola, 2007.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. United States: Cambridge: University Press, 2003.

ILARI, Rodolfo. A categoria advérbio na gramática do português falado. **Revista Alfa**. São Paulo: Ed. Unesp, 51(1), 2007, p. 151-174.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação**: uma visão funcional. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do português falado**. São Paulo: Unicamp, 1993, p.263.

Data de envio: 26/05/2014

Data de aceite: 16/03/2015

Data de publicação: 23/04/2015